

NADA

MAIS
DE 4 MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS

PODE ME

FERIR

DAVID GOGGINS

A história de superação do único homem a completar o
treinamento de elite como Navy SEAL, Army Ranger e TACP

DAVID GOGGINS

NADA PODE ME FERIR

A história de superação do único homem a completar o treinamento de elite como Navy SEAL, Army Ranger e TACP



SEXTANTE

Título original: *Can't Hurt Me*
Copyright © 2020 por Goggins Built Not Born, LLC
Copyright da tradução © 2023 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu
preparo de originais: Rafaella Lemos
revisão: Priscila Cerqueira e Rayana Faria
diagramação e adaptação de capa: Natali Nabekura
capa: Erin Tyler
imagem de capa: Loveless Photography
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G549n

Goggins, David, 1975-

Nada pode me ferir / David Goggins ; tradução Fernanda Abreu. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Sextante, 2023.
320 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Can't hurt me*
ISBN 978-65-5564-613-9

1. Goggins, David, 1975-. 2. Triatletas - Estados Unidos - Biografia.
3. Técnicas de autoajuda. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

23-82735

CDD: 796.4257092

CDU: 929:796.093.643



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

À voz na minha cabeça que nunca se cala
e nunca vai me deixar parar.

ORDEM DE ADVERTÊNCIA

ZONA TEMPORAL: 24 HORAS POR DIA, 7 DIAS POR SEMANA

ORGANIZAÇÃO DA TAREFA: MISSÃO SOLO

1. SITUAÇÃO: Você está correndo o risco de viver uma vida tão confortável e fácil que vai morrer sem nunca ter alcançado seu pleno potencial.

2. MISSÃO: Libertar a sua mente. Abandonar de uma vez por todas a mentalidade de vítima. Dominar completamente todos os aspectos da sua vida. Construir um alicerce inabalável.

3. EXECUÇÃO:

- a. Leia este livro de cabo a rabo. Estude as técnicas que ele contém e aceite todos os dez desafios. Repita. A repetição vai calejar a sua mente.
- b. Se der o máximo de si nessa tarefa, será doloroso. O objetivo da missão não é fazê-lo sentir-se melhor, mas ser melhor e ter um impacto maior no mundo.
- c. Não pare porque se cansou. Pare quando terminar.

4. CONFIDENCIAL: Esta é a história da origem de um herói. E o herói é você.

SOB O COMANDO DE: DAVID GOGGINS

ASSINADO:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'David Goggins', with the first name written in a cursive script and the last name in a more blocky, stylized font.

PATENTE E SERVIÇO: OFICIAL, NAVY SEAL DA MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS, APOSENTADO

CAPÍTULO UM

EU TINHA TUDO PARA VIRAR ESTATÍSTICA

NÓS VIVEMOS O INFERNO NUMA LINDA VIZINHANÇA. EM 1981, Williamsville tinha os imóveis mais cobiçados de Buffalo, no estado de Nova York. Arborizado e aprazível, o bairro tinha ruas seguras salpicadas de casinhas caprichadas habitadas por cidadãos-modelo. Médicos, advogados, executivos de siderúrgicas, dentistas e jogadores profissionais de futebol americano viviam ali com suas esposas amorosas e sua média de 2,2 filhos. Os carros eram novos, as ruas estavam sempre varridas e as possibilidades eram infinitas. Aquilo era o Sonho Americano transformado em realidade. Já o inferno ficava num terreno de esquina na rua do paraíso, Paradise Road.

Era lá que nós morávamos, numa casa de madeira branca de dois andares e quatro quartos, com quatro colunas a emoldurar uma varanda que se abria para o maior e mais verde gramado de Williamsville. Tínhamos uma horta nos fundos da casa e uma garagem ocupada por um Rolls-Royce Silver Cloud 1962 e um Mercedes 450 SLC 1980, além de um Corvette 1981 reluzente estacionado na entrada. Todo mundo em Paradise Road vivia perto do topo da cadeia alimentar e, pela nossa aparência, a maioria dos vizinhos pensava que nós – a bem-ajustada e supostamente feliz família Goggins – estávamos no topo do topo. Mas as superfícies brilhantes refletem muito mais do que deixam revelar.

Os vizinhos nos viam quase todos os dias da semana, reunidos em fren-

te à garagem às sete da manhã. Meu pai, Trunnis Goggins, não era um homem alto, mas era boa-pinta e tinha físico de boxeador. Usava ternos de alfaiataria e seu sorriso era simpático e franco. Ele parecia o típico executivo de sucesso a caminho do trabalho. Minha mãe, Jackie, era dezesseite anos mais nova, magrinha e muito bonita, e meu irmão e eu éramos bem-arrumados, estávamos sempre bem-vestidos de calça jeans e camisa polo em tons pastel, carregando mochilas nas costas igualzinho às outras crianças. As crianças brancas. Na nossa versão da América abastada, todas as fachadas eram palco de meneios de cabeça e acenos antes de pais e filhos saírem para o trabalho e para a escola. Os vizinhos viam o que queriam ver. Ninguém olhava muito de perto.

Que bom. A verdade era que a família Goggins tinha acabado de voltar para casa depois de mais uma noite em claro num bairro distante, e, se Paradise Road era o inferno, nós morávamos com o Diabo em pessoa. Assim que nossos vizinhos fechavam a porta ou dobravam a esquina, o sorriso do meu pai se transformava em carranca. Ele ladrava ordens e entrava em casa para dormir e curar mais uma ressaca, mas nós ainda tínhamos o que fazer. Meu irmão, Trunnis Júnior, e eu precisávamos ir para a escola, e cabia à nossa mãe, que não tinha pregado os olhos, nos levar até lá.

Em 1981 eu estava no primeiro ano do fundamental, e a escola para mim era uma névoa. Não porque o conteúdo fosse difícil – pelo menos não ainda –, mas porque eu não conseguia me manter acordado. A voz cadenciada da professora era a canção de ninar perfeita; meus braços cruzados em cima da carteira, um confortável travesseiro; e suas palavras ríspidas – quando ela me flagrava sonhando –, um despertador nada bem-vindo que tocava sem parar. Crianças dessa idade são esponjas de capacidade infinita. Elas absorvem palavras e ideias à velocidade da luz, e com elas formam a base fundamental sobre a qual a maioria das pessoas constrói competências para a vida inteira, como leitura, ortografia e noções básicas de matemática. Mas, como eu trabalhava durante a noite, na maior parte das manhãs não conseguia me concentrar em nada exceto em tentar ficar acordado.

O recreio e as aulas de educação física eram um campo minado de outro tipo. No pátio, ficar acordado era a parte fácil. O difícil era o que eu precisava esconder. Eu não podia deixar minha camiseta subir. Não podia usar short. Os hematomas eram sinais de alerta que eu não podia mostrar, senão

apanharia ainda mais. Mesmo assim, naquele pátio e na sala de aula eu sabia que estava seguro, mesmo que por um tempinho. Aquele era o único lugar em que ele não conseguia me pegar, pelo menos não fisicamente. Meu irmão tinha que fazer um contorcionismo parecido no sexto ano. Ele tinha as próprias marcas para esconder e o próprio sono para recuperar, porque depois que aquele sinal tocava a vida real começava.

O trajeto de Williamsville até Masten District levava cerca de meia hora, mas era como se estivesse a um mundo de distância. Assim como boa parte do lado leste de Buffalo, Masten era um bairro majoritariamente negro, de classe trabalhadora, dentro do perímetro urbano com áreas mais perigosas nas periferias, embora no início da década de 1980 ainda não fosse totalmente um gueto. Na época, a siderúrgica de Bethlehem ainda estava em atividade, e Buffalo era a última grande cidade do aço dos Estados Unidos. A maioria dos homens da cidade, brancos e pretos, tinha empregos estáveis e sindicalizados e ganhava um salário justo – ou seja, os negócios em Masten iam bem. Para meu pai sempre fora assim.

Antes de completar 20 anos, ele já tinha uma licença de distribuição da Coca-Cola e quatro rotas de entrega na região de Buffalo. É um bom dinheiro para um jovem dessa idade, mas meu pai tinha sonhos maiores e um olho no futuro. Seu futuro tinha quatro rodas e uma trilha sonora de disco funk. Quando uma padaria das redondezas fechou as portas, ele alugou o prédio e abriu um dos primeiros riques de patinação de Buffalo.

Dez anos depois, o Skateland se mudara para um prédio na Ferry Street e ocupava quase um quarteirão inteiro no coração de Masten District. Abrimos um bar em cima do rinique, que ele batizou de Salão Escarlata. Nos anos 1970, aquele era “o lugar” na parte leste de Buffalo, e foi onde meu pai conheceu minha mãe quando ela era uma garota de 19 anos e ele, um homem de 36. Era a primeira vez que ela ficava longe de casa. Jackie tivera uma criação católica. Trunnis era filho de pastor e conhecia o jargão bem o bastante para se fazer passar por devoto, o que atraiu minha mãe. Mas sejamos honestos: ela ficou igualmente inebriada pelo charme dele.

Trunnis Júnior nasceu em 1971. Eu nasci em 1975, e quando completei 6 anos a febre da patinação estava no auge absoluto. Todas as noites, o Skateland fervia. Nós costumávamos chegar lá por volta das cinco da tarde e, enquanto meu irmão trabalhava no quiosque – fazendo pipoca, grelhan-

do salsichas para cachorro-quente, enchendo o cooler de gelo e assando pizza –, eu organizava os patins por tamanho e modelo. Todo fim de tarde, eu trepava num banquinho para pulverizar desodorizador em spray nas botas e trocar os freios de borracha. O fedor do spray formava uma nuvem em volta da minha cabeça e não saía das minhas narinas. Meus olhos viviam vermelhos. Durante horas, aquele era o único cheiro que eu conseguia sentir. Mas essas eram distrações que eu precisava ignorar se quisesse me manter organizado e alerta. Porque meu pai, que operava a cabine do DJ, estava sempre de olho e, se algum daqueles patins sumisse, o meu estaria na reta. Antes de as portas se abrirem, eu passava no rinque de patinação um esfregão que tinha o dobro do meu tamanho.

Por volta das seis da tarde, minha mãe nos chamava para jantar na salinha dos fundos. Aquela mulher vivia num estado permanente de negação, mas seu instinto materno era real e se manifestava com grande exuberância, tentando se agarrar a qualquer fiapo de normalidade. Todas as noites, ela dispunha dois fogareiros elétricos no chão daquela salinha, se sentava com as pernas dobradas para trás e preparava um jantar completo: carne assada, batatas, vagem e pãezinhos recheados, enquanto meu pai fazia a contabilidade e dava telefonemas.

A comida era boa, mas mesmo aos 6 ou 7 anos eu sabia que o nosso “jantar em família” era uma imitação barata do que a maioria das outras casas tinha. Além do mais, nós comíamos rápido. Não dava tempo de saborear nada, porque às sete da noite, quando as portas se abriam, chegava a hora de trabalhar, e tínhamos todos que estar em nossos lugares com tudo preparado. Meu pai era o xerife, e depois de entrar na cabine do DJ ele ficava nos vigiando. Vasculhava aquele salão feito um olho que tudo vê, e se você fizesse alguma besteira, escutava poucas e boas – quando não apanhava primeiro.

Sob as lâmpadas frias do teto, o salão não era grande coisa, mas, quando as luzes baixavam, a iluminação dos canhões coloridos banhava o rinque de vermelho e ricocheteava no globo giratório espelhado, criando uma fantasia de discoteca sobre patins. Fosse sábado e domingo ou nas noites de semana, centenas de patinadores afluíam por aquelas portas. Na maior parte do tempo os clientes chegavam com a família toda e pagavam seus 3 dólares de ingresso mais 50 cents pelos patins antes de entrarem na pista.



Skateland, 6 anos

Eu alugava os patins e administrava essa parte sozinho, carregando um banquinho de um lado para outro, feito uma muleta. Sem ele, os clientes nem sequer me enxergavam. Os patins de numeração maior ficavam embaixo do balcão, mas os menores ficavam tão alto que eu era obrigado a escalar as prateleiras, o que sempre fazia os clientes darem risada. Mamãe era a única no caixa. Era ela quem recebia o valor do ingresso de todo mundo, e para Trunnis o dinheiro era tudo. Ele ia contando as pessoas à medida que elas entravam, calculando a receita em tempo real para ter uma ideia aproximada do que esperar quando contasse o caixa depois do fechamento. E era melhor estar tudo certinho.

Todo o dinheiro ficava para ele. Nós três nunca ganhamos um centavo pelo nosso trabalho. Na verdade, minha mãe nunca teve o próprio dinheiro. Não tinha conta no banco nem cartões de crédito em seu nome. Ele controlava tudo, e todos sabíamos o que aconteceria se a gaveta do caixa algum dia aparecesse com dinheiro a menos.

Nenhum dos clientes sabia nada disso, claro. Para eles, o Skateland era um mar de rosas, um negócio familiar administrado pela própria família. Meu pai colocava os discos de vinil já meio gastos para girar, com música disco, funk e as primeiras batidas do hip-hop. O baixo reverberava nas paredes vermelhas graças a Rick James, o filho preferido de Buffalo, ao Funkadelic de George Clinton e às primeiras faixas lançadas pelo Run-DMC, com os sons inovadores do hip-hop. Alguns garotos apostavam corrida de patins. Eu também gostava de andar rápido, mas nós tínhamos a nossa cota de dançarinos patinadores, e o ritmo tomava conta daquela pista de patinação.

Na primeira hora ou duas, os pais ficavam no andar de baixo e patinavam juntos ou assistiam aos filhos darem voltas pelo ringue, mas depois de um tempo acabavam subindo para criar sua própria festa. E, quando uma quantidade suficiente subia, Trunnis saía da cabine de DJ para ir se juntar a eles. Meu pai era considerado o prefeito informal de Masten, e era um político canastrão até o último fio de cabelo. Seus clientes eram seus alvos, e o que não sabiam era que, por mais bebidas que servisse por conta da casa e por mais abraços que distribuísse, ele não estava nem aí para ninguém. Aquelas pessoas não passavam de cifrões aos olhos dele. Quando servia uma bebida de graça, era porque ele sabia que eles pagariam mais duas ou três.

Embora às vezes promovêssemos patinação noite adentro e maratonas de 24 horas, o Skateland em geral fechava às dez da noite. Era então que minha mãe, meu irmão e eu começávamos a trabalhar, pescando absorventes empapados de sangue em privadas cheias de cocô, arejando a marola de maconha de ambos os banheiros, raspando chicletes repletos de bactérias do chão do ringue, limpando a cozinha do quiosque e conferindo o material. Logo antes da meia-noite, nós nos arrastávamos para a salinha quase mortos. Nossa mãe ajeitava meu irmão e eu debaixo de um cobertor no sofá, cada qual com a cabeça para um lado, enquanto o teto estremecia com o barulho de um funk carregado nos graves.

Mas o expediente de mamãe ainda não estava terminado.

Assim que ela ia para trás do bar, Trunnis a punha para trabalhar na porta ou então a fazia subir e descer feito uma mula para buscar caixotes de bebida destilada no subsolo. Sempre havia alguma tarefa a fazer, e ela não parava de andar para lá e para cá enquanto meu pai ficava vigiando tudo de um dos cantos do bar, de onde podia ver o espaço inteiro.

Naquela época, Rick James, que nascera em Buffalo e era um dos amigos mais próximos do meu pai, passava lá sempre que estava na cidade e estacionava seu Excalibur na calçada em frente ao Skateland. O carro dele era um outdoor que alertava o bairro da presença do *Superfreak*. E ele não era o único famoso a passar por lá. OJ Simpson era um dos maiores astros da liga profissional de futebol americano, e ele e seus companheiros do Buffalo Bills eram clientes assíduos, assim como Teddy Pendergrass e o grupo Sister Sledge. Se você não conhece esses nomes, dê uma pesquisada.

Se eu fosse mais velho e meu pai fosse um homem bom, eu talvez pudesse ter algum orgulho de fazer parte daquele momento cultural, mas crianças pequenas não ligam para essas coisas. Era como se, independentemente de quem sejam nossos pais e do que eles façam, todos nós nascêssemos com uma bússola moral devidamente calibrada. Uma criança de 6, 7 ou 8 anos sabe o que parece certo e o que parece muito errado. E a que nasce em meio a um furacão de terror e dor sabe que as coisas não têm que ser assim. Essa verdade fica incomodando sua mente como uma farpa. Você pode até decidir ignorá-la, mas o martelar surdo está sempre ali, ao longo de dias e noites que se confundem numa mesma lembrança confusa.

Porém algumas memórias se destacam, e a que me vem à mente agora ainda me assombra. Foi a noite em que minha mãe entrou no bar antes da hora habitual e pegou meu pai paquerando uma mulher uns dez anos mais nova do que ela. Trunnis a viu olhando e deu de ombros, enquanto minha mãe cravava os olhos nele e virava duas doses de Johnnie Walker Red Label de uma vez para se acalmar. Ele reparou na reação dela e não gostou nem um pouco.

Ela sabia como as coisas funcionavam. Sabia que Trunnis ajudava prostitutas a atravessar a fronteira até Fort Erie, no Canadá. Um chalé de verão de propriedade do presidente de um dos maiores bancos de Buffalo funcionava também como bordel improvisado. Ele apresentava os banqueiros

de Buffalo às suas meninas sempre que precisava de uma linha de crédito maior, e os empréstimos eram sempre aprovados. Minha mãe sabia que a moça era uma das que trabalhavam para ele. Não era a primeira vez que a via. Em certa ocasião, já tinha surpreendido os dois no sofá da salinha do Skateland, onde punha seus filhos para dormir quase todas as noites. Quando minha mãe os flagrou juntos, a moça sorriu para ela. Trunnis deu de ombros. Não, minha mãe não era ingênua, mas ver as coisas com os próprios olhos sempre doía.

Por volta da meia-noite, minha mãe foi de carro com um dos nossos seguros fazer um depósito no banco. Ele lhe implorou para largar meu pai. Disse a ela para ir embora naquela mesma noite. Talvez ele soubesse o que estava por vir. Talvez ela também soubesse, mas não podia fugir porque não tinha nenhum meio de subsistência próprio e não iria nos deixar com ele. Além do mais, ela não tinha direito a nenhum bem comum porque Trunnis sempre se recusara a se casar com ela, um enigma que ela estava começando a solucionar. Minha mãe vinha de uma família sólida, de classe média, e sempre fora uma mulher virtuosa. Ele se ressentia desse fato e tratava suas prostitutas melhor do que a mãe dos próprios filhos. Isso a mantinha prisioneira. Ela era cem por cento dependente e, se quisesse ir embora, sairia de mãos abanando.

Meu irmão e eu nunca dormíamos bem no Skateland. Como a salinha ficava bem debaixo da pista de dança, o teto vibrava demais. Nessa noite, quando minha mãe entrou, eu já estava acordado. Ela sorriu, mas eu reparei nas lágrimas nos seus olhos e me lembro de sentir o cheiro de uísque no seu hálito quando ela me pegou no colo com o maior carinho de que foi capaz. Meu pai entrou atrás dela, bêbado e contrariado. Ele tirou uma pistola de baixo do travesseiro no qual eu dormia (sim, você leu certo: uma arma carregada ficava embaixo do travesseiro no qual eu dormia aos 6 anos de idade!), mostrou para mim e sorriu antes de tornar a escondê-la num coldre de tornozelo, por dentro da calça. Na sua outra mão estavam duas sacolas de compras de papel pardo contendo quase 10 mil dólares em dinheiro vivo. Até ali, era uma noite como outra qualquer.

Meus pais não se falaram no caminho para casa, mas a tensão entre os dois era palpável. Minha mãe encostou em frente à nossa garagem em Paradise Road pouco antes das seis, um pouco cedo pelos nossos padrões.

Trunnis saltou cambaleando, desligou o alarme, largou o dinheiro em cima da mesa da cozinha e subiu. Nós subimos atrás, e mamãe nos pôs na cama, nos deu um beijo na testa e apagou a luz antes de ir para a suíte principal, onde o encontrou à sua espera, acariciando seu cinto de couro. Trunnis não gostava quando minha mãe olhava feio para ele, principalmente em público.

– Este cinto veio lá do Texas só para bater em você – disse ele com toda a calma.

E então começou a brandi-lo, com a fivela para a frente. Às vezes minha mãe revidava, e nessa noite ela fez isso. Jogou um castiçal de mármore na cabeça dele. Ele se esquivou e o castiçal bateu na parede. Ela correu para o banheiro, se trancou e se sentou toda encolhida na privada. Ele derrubou a porta a pontapés e a esbofeteou com força usando as costas da mão. A cabeça dela foi arremessada contra a parede. Ela estava praticamente desacordada quando ele a segurou por um tufo de cabelos e a arrastou pelo corredor.

Àquela altura meu irmão e eu já tínhamos escutado a violência, e o vimos arrastá-la escada abaixo até o térreo e se agachar por cima dela com o cinto na mão. Ela sangrava na têmpora e na boca, e a visão do sangue da minha mãe acendeu um pavio dentro de mim. Nesse instante, meu ódio superou meu medo. Desci a escada correndo e pulei nas costas dele, soquei suas costas com meus punhos minúsculos e arranhei seus olhos. Como o peguei de surpresa, ele caiu apoiado num dos joelhos. Comecei a gritar com ele:

– Não bate na minha mãe!

Ele me jogou no chão, andou até mim a passos firmes, com o cinto na mão, então se virou para minha mãe.

– Você está criando um bandidinho – falou com um meio sorriso.

Eu me encolhi todo quando ele começou a me bater com o cinto. Dava para sentir os lanhos surgindo nas minhas costas enquanto minha mãe engatinhava até o painel de controle perto da porta da frente. Ela apertou o botão de pânico, e o alarme começou a tocar na casa inteira. Meu pai congelou, olhou para o teto, enxugou a testa na manga da camisa, inspirou fundo, passou o cinto pelo cóis da calça e o afivelou. Então subiu para se lavar de toda aquela maldade e todo aquele ódio. Ele sabia que a polícia estava a caminho.

O alívio da minha mãe não durou muito. Quando a polícia chegou, Trunnis foi receber os agentes na porta. Eles olharam por cima do ombro dele para minha mãe, que estava vários passos atrás, com o rosto inchado e todo sujo de sangue seco. Só que aqueles eram outros tempos. Naquela época não havia movimento #MeToo. Esse tipo de coisa não existia, e eles a ignoraram. Trunnis lhes disse que aquilo tudo não passava de uma bobagem. Só um pouco de disciplina doméstica necessária.

– Olhem para esta casa. Parece que eu maltrato a minha esposa? – perguntou ele. – Compró casacos de pele para ela, anéis de diamante, dou um duro danado para dar a ela tudo que quer, e ela joga um castiçal de mármore na minha cabeça. Essa mulher é uma mimada.

Os agentes riram junto com meu pai enquanto ele os acompanhava até a viatura. Eles foram embora sem perguntar nada à minha mãe. Ele não tornou a bater nela nessa manhã. Nem precisou. O dano psicológico estava feito. Daquele ponto em diante, ficou claro para nós que a temporada de caça estava aberta e a presa éramos nós.

Ao longo do ano seguinte, nossa rotina não mudou muito, e as surras continuaram enquanto minha mãe tentava encobrir a escuridão com retalhos de luz. Como sabia que eu queria ser escoteiro, ela me matriculou num grupo perto de casa. Ainda me lembro de vestir aquela camisa de botão azul-marinho dos Lobinhos, num sábado de manhã. Senti orgulho por estar de uniforme e por saber que pelo menos por algumas horas poderia fingir ser um menino normal. Minha mãe sorria enquanto nos dirigíamos até a porta. O meu orgulho e o sorriso dela não eram só por causa dos Lobinhos. Eles vinham de um lugar mais profundo. Estávamos tomando uma atitude para encontrar algo de positivo numa situação sombria. Aquilo era uma prova de que nós importávamos e de que não éramos completamente indefesos.

Foi então que meu pai chegou em casa do Salão Escarlata.

– Aonde vocês dois estão indo? – perguntou ele, me encarando com raiva. Baixei os olhos. Minha mãe pigarreou.

– Vou levar o David ao seu primeiro encontro dos Lobinhos – respondeu baixinho.

– Não vai ter encontro de Lobinho nenhum hoje, não! – disse ele. Ergui os olhos e, ao ver meus olhos marejados, ele riu. – Nós vamos às corridas.

Em menos de uma hora já tínhamos chegado a Batavia Downs, uma pista de corridas de cavalos das antigas, daquelas em que os jóqueis ficam atrás dos cavalos em carroças leves. Assim que entramos pelo portão, meu pai pegou uma folha de apostas. Nós três passamos horas vendo-o fazer aposta atrás de aposta, fumar um cigarro atrás do outro, beber uísque e surtar quando nenhum dos cavalos nos quais apostara chegava na frente. Enquanto meu pai esbravejava com os deuses da hípica e fazia papel de bobo, eu tentava me tornar o menor possível toda vez que alguém passava, mas mesmo assim me destacava. Era a única criança nas arquibancadas vestida de Lobinho. Devia ser o primeiro Lobinho preto que aquelas pessoas já tinham visto, e meu uniforme era uma mentira. Eu era um farsante.

Trunnis perdeu milhares de dólares nesse dia e não parou de reclamar no caminho de volta para casa, com a voz rouca por causa da garganta irritada pela nicotina. Meu irmão e eu estávamos apertados no banco de trás, e toda vez que ele escarrava pela janela um pouco do catarro voltava na minha cara. Cada gota daquela saliva repugnante na minha pele queimava como se fosse veneno, intensificando meu ódio. Eu já tinha aprendido tempos antes que a melhor forma de evitar uma surra era me tornar o mais invisível que conseguisse, desviar o olhar, flutuar para fora do meu corpo e torcer para não chamar atenção. Essa era uma prática que todos nós tínhamos aperfeiçoado ao longo dos anos, mas eu não queria mais fazer isso. Estava farto de me esconder do Diabo. Nessa tarde, ao entrar na rodovia e pegar o caminho de casa, ele não parava de vociferar, e eu o encarei com fúria do banco de trás. Você já ouviu a expressão “A fé supera o medo”? Para mim, foi “O ódio supera o medo”.

Ele cruzou olhares comigo no espelho retrovisor.

– Está querendo me dizer alguma coisa?! – perguntou.

– A gente não deveria mesmo ter ido às corridas – falei.

Meu irmão se virou para mim e me encarou como se eu tivesse enlouquecido. Minha mãe se remexeu no assento.

– Repete isso daí.

As palavras dele saíram lentas, escorrendo ameaça. Como eu não disse mais nada, ele começou a esticar o braço para trás tentando me bater. Mas eu era tão pequeno que foi fácil me esconder. O carro sambava de um lado

para o outro enquanto ele se virava parcialmente na minha direção e socava o ar. Mal consegui encostar em mim, o que só fez atizar sua ira. Seguimos em silêncio até ele conseguir recuperar o fôlego.

– Quando a gente chegar em casa você vai tirar a roupa – falou.

Era o que ele dizia quando estava pronto para me dar uma surra, e não havia como fugir. Fiz o que ele tinha mandado. Fui até o meu quarto, tirei a roupa, desci o corredor até o quarto dele, fechei a porta depois de entrar, apaguei a luz e deitei de bruços na beirada da cama com as pernas penduradas, o tronco estendido para a frente e o traseiro exposto. Era esse o protocolo, e ele o havia criado para infligir o máximo de dor física e psicológica possível.

As surras costumavam ser brutais, mas a expectativa era a pior parte. Eu não conseguia ver a porta atrás de mim e ele se demorava, para aumentar minha apreensão. Quando eu o ouvia abrir a porta, meu pânico chegava ao ápice. Até o quarto era tão escuro que não dava para ver muita coisa no meu campo de visão periférica, por isso eu não conseguia me preparar para a primeira cintada até que o couro cantasse na minha pele. E nunca eram só duas ou três cintadas. Como não havia nenhuma contagem especial, nunca sabíamos quando ou se ele iria parar.

Aquela surra durou vários minutos. Ele começou dando com o cinto na minha bunda, mas ardia tanto que eu a protegi com as mãos, então ele desceu e começou a bater nas minhas coxas. Quando baixei as mãos para as coxas ele começou a bater na base das minhas costas. Me deu dezenas de cintadas, e quando acabou estava sem fôlego, tossindo e encharcado de suor. Eu também estava ofegante, mas não chorava. A maldade dele era real demais, e meu ódio me dava coragem. Eu me recusei a dar àquele homem mau a satisfação de me ver chorar. Só me levantei, encarei o Diabo nos olhos, voltei mancando para o meu quarto e fiquei parado diante do espelho. Estava todo lanhado, do pescoço até a dobra dos joelhos. Faltei vários dias à escola.

Quando você sempre apanha, perde a esperança. Você sufoca suas emoções, mas o trauma se manifesta de formas inconscientes. Depois de já ter testemunhado e levado várias surras, essa em especial fez minha mãe começar a viver numa névoa constante, uma sombra pálida da mulher que eu recordava dos anos anteriores. Passava a maior parte do tempo distante e

alheia, a não ser quando ele chamava o seu nome – então ela se levantava num pulo e ia até ele, como se fosse sua escrava. Só vim a saber anos depois que estava pensando em se matar.

Meu irmão e eu descontávamos nossa dor um no outro. Ficávamos sentados ou em pé, um de frente para o outro, e ele me socava com toda a força. Em geral começava como uma brincadeira, mas ele era quatro anos mais velho, muito mais forte, e me batia com vontade. Toda vez que eu caía, eu me levantava e ele me batia outra vez, com a maior força possível, berrando a plenos pulmões feito um lutador de artes marciais, o rosto contorcido de raiva.

– Nem está doendo! É só isso que você consegue fazer? – eu gritava de volta.

Queria que ele soubesse que eu era capaz de suportar mais dor do que ele conseguia infligir, mas, quando chegava a hora de dormir e não havia mais batalhas a lutar nem onde me esconder, eu fazia xixi na cama. Quase toda noite.

Cada dia da minha mãe era uma aula de sobrevivência. Ela escutava tantas vezes que não valia nada que começou a acreditar nisso. Tudo que fazia era um esforço de aplacar meu pai para que ele não surrasse os filhos dela nem a espancasse com o cinto, mas havia armadilhas invisíveis em seu mundo, e às vezes ela nem chegava a saber por que ele a havia estapeado até deixá-la tonta. Em outros momentos ela sabia que estava se preparando para uma surra violenta.

Um dia, cheguei em casa mais cedo da escola com uma baita dor de ouvido e me deitei no lado da minha mãe na cama dos meus pais, com o ouvido esquerdo latejando com uma dor lancinante. A cada latejar, meu ódio aumentava. Eu sabia que não iria ao médico, pois meu pai não gostava de gastar seu dinheiro com médicos ou dentistas. Não tínhamos plano de saúde, pediatra nem dentista. Quando nos machucávamos ou ficávamos doentes, ele nos dizia para melhorar logo, porque não ia pagar nada que não beneficiasse diretamente Trunnis Goggins. Nossa saúde não atendia a esse critério, e isso me dava raiva.

Meia hora depois, minha mãe subiu para ver como eu estava e, quando me virei, ela viu que havia sangue escorrendo pela lateral do meu pescoço e que eu tinha sujado todo o travesseiro.

– Chega – disse ela. – Vem comigo.

Ela me tirou da cama, me vestiu e me ajudou a ir até o carro, mas, antes que conseguisse ligar o motor, meu pai saiu de casa correndo atrás de nós.

– Para onde vocês pensam que vão?!

– Para o pronto-socorro – disse ela, girando a chave na ignição.

Ele estendeu a mão para tentar abrir a porta, mas ela saiu com o carro primeiro, deixando-o para trás. Enfurecido, ele entrou pisando firme, bateu a porta de casa e chamou meu irmão.

– Filho, me traz um Johnnie Walker!

Trunnis Júnior foi até o bar e pegou uma garrafa de Red Label e um copo. Serviu várias doses e ficou vendo meu pai virar uma atrás da outra, colocando mais lenha na fogueira.

– Você e o David precisam ser fortes! – esbravejava ele. – Não vou criar um bando de homossexuais! E é isso que vocês vão virar se forem ao médico toda vez que tiverem um machucadinho, entendeu? – Meu irmão aquiescia, petrificado. – Seu sobrenome é Goggins, e nós não ficamos de frescura!

Segundo os médicos que nos atenderam nessa noite, minha mãe me levou ao pronto-socorro bem a tempo. Minha infecção de ouvido era tão grave que, se tivéssemos esperado mais tempo, eu teria perdido para sempre a audição do ouvido esquerdo. Ela havia se arriscado para me salvar, e ambos sabíamos que iria pagar caro por isso. Voltamos para casa num silêncio aterrorizado.

Meu pai ainda estava fumegando na mesa da cozinha quando entramos na Paradise Road e meu irmão continuava a lhe servir uísque. Trunnis Júnior tinha medo do nosso pai, mas também o idolatrava e era fascinado por ele. Por ser o primogênito, era mais bem tratado. Trunnis também batia nele, só que em sua mente distorcida Trunnis Júnior era o seu príncipe.

– Quando você crescer vou querer que seja o homem da sua casa – disse a ele. – E hoje à noite você vai ver o que é ser homem.

Instantes depois de entrarmos por aquela porta, Trunnis deixou minha mãe desacordada de tanta pancada, mas meu irmão não conseguiu assistir. Sempre que as surras explodiam feito uma tempestade no céu, ele ia para o quarto e esperava aquilo passar. Como a verdade era difícil demais de suportar, ele ignorava a escuridão. Eu sempre prestava muita atenção.

Durante o verão, não tínhamos descanso de Trunnis durante a semana, porém meu irmão e eu aprendemos a subir em nossas bicicletas e ficar longe

pelo máximo de tempo possível. Um dia, cheguei em casa para almoçar e entrei pela garagem como sempre fazia. Como meu pai em geral dormia até bem depois do meio-dia, imaginei que a barra estivesse limpa. Estava enganado. Meu pai era paranoico. Fazia negociatas escusas e arrumava inimigos. Por isso tinha acionado o alarme depois de eu e meu irmão sairmos.

Quando abri a porta, o alarme começou a tocar e senti um frio na barriga. Gelei, colei as costas na parede e apurei os ouvidos para escutar passos. Ouvi a escada ranger e entendi que estava muito encrencado. Ele desceu usando seu roupão felpudo marrom, com a pistola em riste, e atravessou a sala de jantar e a de estar com a arma apontada para a frente. Pude ver o cano da pistola surgir lentamente pela quina.

Assim que dobrou a quina, ele me viu em pé a menos de 10 metros de distância e não baixou a arma. Apontou-a bem para o meio da minha testa. Sustentei seu olhar, com a expressão mais vazia possível e os pés fincados nas tábuas do piso. Não havia mais ninguém em casa, e parte de mim pensava que ele ia puxar o gatilho, mas àquela altura da vida não me importava mais se iria viver ou morrer. Era um menino de 8 anos exausto, simplesmente cansado de ser aterrorizado pelo meu pai e também farto do Skateland. Depois de um ou dois minutos, ele baixou a pistola e tornou a subir.

Àquela altura já estava ficando evidente que alguém em Paradise Road iria morrer. Minha mãe sabia onde Trunnis guardava seu .38. Às vezes ela o cronometrava e o seguia, imaginando como a situação iria se desenrolar. Eles usariam carros diferentes para ir ao Skateland, ela pegaria a arma de baixo das almofadas do sofá da salinha antes de ele chegar, nos levaria para casa mais cedo, nos poria na cama e ficaria esperando por ele junto à porta da frente com o revólver dele em punho. Quando ele chegasse, ela sairia pela porta da frente e o mataria na frente de casa, deixando seu corpo para o leiteiro encontrar. Meus tios, irmãos dela, a convenceram a desistir desse plano, mas concordaram que ela precisava tomar alguma medida drástica, senão o corpo estendido na calçada seria o dela.

Quem lhe mostrou o caminho foi uma antiga vizinha. Betty tinha morado em frente à nossa casa, do outro lado da rua, e depois de se mudar elas mantiveram contato. Tinha vinte anos a mais do que a minha mãe e uma sabedoria condizente com a sua idade. Ela incentivou minha mãe a planejar sua fuga com semanas de antecedência. O primeiro passo era conseguir um cartão de

crédito em seu nome. Isso significava que ela precisava reconquistar a confiança de Trunnis, pois precisava de sua assinatura. Betty também lembrou à minha mãe que era preciso manter a amizade das duas em segredo.

Durante algumas semanas, Jackie enganou Trunnis e o tratou como costumava tratar quando era uma beldade de 19 anos e olhos brilhantes. Ela o fez acreditar que o venerava outra vez e, quando pôs um formulário de cartão de crédito na sua frente, ele lhe disse que ficaria feliz em lhe dar um pequeno poder de compra. Quando o cartão chegou pelo correio, minha mãe tateou suas bordas de plástico duro por cima do envelope enquanto sentia o alívio inundar a sua mente. Segurou-o com o braço esticado e o admirou. O cartão reluzia feito um bilhete de loteria premiado.

Poucos dias mais tarde, ela ouviu meu pai se referindo a ela desrespeitosamente ao telefone com um dos amigos enquanto ele tomava café da manhã com meu irmão e eu na mesa da cozinha. Foi a gota d'água. Ela chegou perto da mesa e disse:

– Eu vou largar o seu pai. Vocês dois podem ficar ou vir comigo.

Meu pai parecia tão chocado que ficou sem palavras. Meu irmão também. Mas eu me levantei daquela cadeira como se o assento estivesse em chamas, peguei uns sacos de lixo pretos e subi para começar a arrumar minhas coisas. Depois de um tempo, meu irmão começou a arrumar as dele também. Antes de sairmos, nós quatro ainda nos encontramos uma vez em volta daquela mesa na cozinha. Trunnis fuzilou minha mãe com o olhar tomado pelo choque e pelo desprezo.

– Você não tem nada e não é nada sem mim – disse ele. – Não tem instrução, dinheiro ou qualquer perspectiva. Vai virar prostituta em menos de um ano.

Ele então fez uma pausa e mudou o foco para meu irmão e eu:

– Vocês vão virar dois gays quando crescerem. E nem pense em voltar, Jackie. Cinco minutos depois de você sair eu já vou ter outra mulher aqui para ocupar seu lugar.

Ela assentiu e se levantou. Tinha lhe dado sua juventude, sua própria alma, e finalmente chegara ao limite. Levou consigo o mínimo possível do passado. Deixou os casacos de pele e os anéis de brilhante. Por ela, ele poderia dá-los para a nova namorada.

Trunnis nos observou colocar nossas coisas no Volvo da minha mãe (o

único carro de propriedade dele no qual se recusava a andar), nossas bicicletas já presas na traseira. Saímos devagar, e no início ele não se mexeu, mas antes de dobrarmos a esquina pude vê-lo se mover em direção à garagem. Minha mãe pisou fundo no acelerador.

É preciso lhe dar crédito: ela havia se planejado. Já imaginava que ele fosse segui-la, então não segui para o oeste em direção à interestadual que nos levaria para a casa de seus pais em Indiana. Não, ela foi para a casa de Betty, no final de uma viela de terra batida da qual meu pai nem tinha conhecimento. Betty já estava com a porta da garagem aberta quando chegamos. Entramos com o carro. Betty fechou a porta da garagem com um tranco e, enquanto meu pai passava a toda na rodovia em seu Corvette para ir atrás de nós, ficamos aguardando bem debaixo do seu nariz até pouco antes do anoitecer. Àquela hora sabíamos que ele estaria no Skateland abrindo as portas. Não iria perder a oportunidade de ganhar dinheiro, não importava o que acontecesse.

Tudo começou a dar errado pouco menos de 150 quilômetros depois de sairmos de Buffalo, quando o velho Volvo começou a queimar óleo. Nuvens imensas de fumaça preta feita tinta saíam pelo cano de descarga, e minha mãe entrou em pânico. Era como se até ali tivesse se segurado, guardando seu medo bem fundo dentro de si, escondido por trás de uma máscara de autocontrole forçado, até um obstáculo surgir e ela desmoronar. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– O que é que eu faço? – perguntou ela com os olhos arregalados feito dois pires.

Meu irmão, que nunca quisera mesmo ir embora, disse-lhe para voltar. Eu estava no banco do carona. Ela olhou para mim com ar de expectativa:

– O que é que eu faço?

– A gente tem que ir embora, mãe – falei. – Mãe, a gente tem que ir.

Ela encostou num posto de gasolina no meio do nada. Histérica, correu até um telefone público e ligou para Betty.

– Betty, eu não consigo – disse ela. – O carro quebrou. Preciso voltar!

– Onde você está? – perguntou Betty com calma.

– Eu não sei – respondeu minha mãe. – Não tenho a menor ideia de onde estou!

Betty lhe disse para procurar um frentista e passar o telefone para ele.

Ele lhe explicou que estávamos logo depois de Erie, na Pensilvânia, e, depois de Betty lhe dar algumas instruções, ele tornou a passar o telefone para minha mãe.

– Jackie, tem uma concessionária da Volvo em Erie. Encontre um hotel para passar a noite e leve o carro lá amanhã de manhã. O frentista vai pôr óleo suficiente no carro para você conseguir chegar.

Apesar de estar escutando, minha mãe não reagiu.

– Jackie! Está me ouvindo? Faça o que estou dizendo e vai ficar tudo bem.

– Tá. Tudo bem – sussurrou ela, emocionalmente esgotada. – Hotel. Concessionária da Volvo. Entendido.

Não sei como Erie é agora, mas na época a cidade só tinha um hotel decente, um Holiday Inn não muito longe da concessionária da Volvo. Meu irmão e eu seguimos minha mãe até o balcão da recepção, onde fomos recebidos com mais notícias ruins. Eles não tinham quartos disponíveis. Os ombros da minha mãe afundaram. Meu irmão e eu ficamos parados com ela no meio, segurando as roupas dentro de sacos de lixo pretos. Éramos um retrato do desespero, e o gerente noturno do hotel percebeu.

– Olhe, vou instalar umas camas de armar para vocês no auditório – disse ele. – Lá tem banheiro, mas vocês precisam sair cedo porque teremos uma conferência que vai começar às nove da manhã.

Agradecidos, fomos dormir naquele auditório com carpete industrial e luzes fluorescentes, nosso purgatório particular. Estávamos foragidos e exaustos, mas minha mãe não tinha desistido. Ela se deitou e ficou olhando o revestimento do teto até pegarmos no sono. Então saiu de fininho e foi para um café ao lado do hotel para passar a noite inteira ansiosamente de olho nas nossas bicicletas e na estrada.

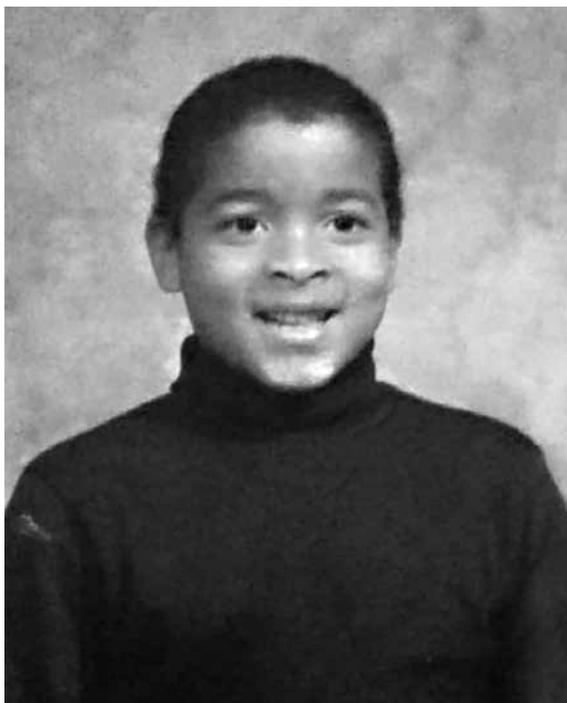
Estávamos esperando na frente da tal concessionária da Volvo antes de a oficina abrir, o que deu aos mecânicos justo o tempo suficiente para conseguir a peça de que precisávamos e nos pôr de volta na estrada antes do fim do dia. Saímos de Erie quando o sol estava se pondo e passamos a noite inteira viajando, até chegarmos, oito horas depois, à casa dos meus avós em Brazil, Indiana. Minha mãe chorou ao estacionar ao lado da casinha de madeira antes de o dia raiar, e eu entendi por quê.

Nossa chegada parecia importante, tanto na ocasião quanto agora. Eu ainda tinha só 8 anos, mas já estava entrando numa segunda fase da vida.

Não sabia o que me aguardava, o que aguardava nós três naquela cidadezinha rural do sul do estado de Indiana, e não estava muito preocupado. Tudo que sabia era que tínhamos conseguido escapar do inferno, e pela primeira vez na vida estávamos livres do Diabo em pessoa.



Passamos os seis meses seguintes com meus avós, e eu me matriculei pela segunda vez no segundo ano. Fui estudar numa escola católica das redondezas chamada Anunciação. Eu era o único aluno de 8 anos na turma, mas nenhuma das outras crianças sabia que eu estava repetindo de ano – e não havia a menor dúvida de que eu precisava. Eu mal sabia ler, mas tive a sorte de ter Irmã Katherine como professora. Baixinha e miúda, tinha 60 anos e um dente de ouro na frente. Apesar de ser freira, não usava hábito. Era também resmungona e não tolerava papo furado, e eu adorava essa atitude.



Segundo ano do fundamental em Brazil, Indiana

Anúnciação era uma escola pequena. Irmã Katherine dava aula para o primeiro e segundo ano juntos, na mesma sala, e com apenas dezoito alunos não estava disposta a se furtar da própria responsabilidade e culpar minhas dificuldades acadêmicas ou o mau comportamento de qualquer um para justificar problemas emocionais ou de aprendizagem. Ela não conhecia a minha história pregressa. Nem precisava. Só se importava com o fato de eu ter aparecido na porta dela com um nível escolar de jardim de infância, e sua tarefa era moldar a minha mente. Ela tinha todas as desculpas do mundo para me despachar para algum especialista ou me rotular de aluno-problema, mas esse não era o seu estilo. Começara a lecionar antes de ser normal rotular crianças e personificava a mentalidade de que eu precisava para correr atrás do prejuízo: nada de desculpas.

Irmã Katherine é o motivo pelo qual eu nunca confio num sorriso nem julgo uma cara feia. Meu pai sorria o tempo todo e não dava a mínima para mim, mas Irmã Katherine era ranzinza e se importava com todo mundo. Ela se importava comigo. Queria que fôssemos a nossa melhor versão de nós mesmos. E eu sei disso porque ela demonstrava isso passando tempo a mais comigo, quanto fosse preciso, até eu aprender todas as lições. Antes do fim do ano, eu já estava conseguindo ler num nível de segundo ano. Trunnis Júnior não se adaptou tão bem. Em poucos meses, meu irmão estava de volta a Buffalo, colado no meu pai e trabalhando no Skateland como se nunca tivesse saído de lá.

A essa altura nós já tínhamos nos mudado para nossa própria casa: um apartamento de 56 metros quadrados e dois quartos em Lamplight Manor, um quarteirão de moradias populares, que nos custava 7 dólares por mês. Meu pai, que ganhava milhares de dólares toda noite, mandava a cada três ou quatro semanas (se tanto) 25 dólares a título de pensão, enquanto minha mãe não chegava a ganhar mil dólares por mês com seu emprego numa loja de departamentos. Nas horas vagas, ela fazia cursos na Universidade Estadual de Indiana, o que também custava dinheiro. Como tínhamos rombos no orçamento, minha mãe se inscreveu no auxílio do governo e recebia por mês 123 dólares mais vales-alimentação. Deram-lhe um cheque no primeiro mês, mas, quando descobriram que ela tinha carro, a desqualificaram, explicando que, se ela vendesse o carro, eles ficariam felizes em ajudar.

O problema era que nós morávamos numa cidadezinha rural com uma

população de cerca de 8 mil habitantes e sem sistema de transporte público. Precisávamos daquele carro para eu poder chegar à escola e para ela ir trabalhar e estudar à noite. Ela estava decidida a mudar sua situação de vida e encontrou um jeito de contornar a questão por meio do programa de Auxílio a Crianças Dependentes. Organizou tudo de modo que o cheque fosse pago à nossa avó, que lhe repassava o dinheiro, mas isso não tornou a vida fácil. E 123 dólares não davam para quase nada mesmo...

Lembro-me perfeitamente de uma noite em que estávamos tão duros que voltamos para casa com o tanque de gasolina quase seco e nos deparamos com uma geladeira vazia e uma conta de luz vencida. Não tínhamos dinheiro nenhum no banco. Então lembrei que tinha dois potes de conserva cheios de moedas. Peguei os potes na prateleira.

– Mãe, vamos contar nossos trocados!

Ela sorriu. Quando menina, seu pai lhe ensinara a catar as moedinhas que achasse na rua. Meu avô fora moldado pela Grande Depressão e sabia o que era ficar na pior. “Nunca se sabe quando se pode precisar”, dizia ele. Quando morávamos no inferno e levávamos para casa milhares de dólares todas as noites, a ideia de que algum dia o dinheiro fosse acabar soava ridícula, porém minha mãe mantivera seu hábito de criança. Trunnis costumava ridicularizá-la por isso, mas agora era hora de ver o que dava para comprar com aquele dinheiro encontrado.

Despejamos os trocados no chão da sala e contamos dinheiro suficiente para pagar a conta de luz, encher o tanque e ir ao mercado. Deu até para comprar hambúrgueres no Hardee’s a caminho de casa. Eram tempos sombrios, mas estávamos nos virando, mal e mal. Minha mãe sentia uma saudade terrível de Trunnis Júnior, mas ficava satisfeita por eu estar me adaptando e fazendo amizades. Eu tivera um ano bom na escola, e desde nossa primeira noite em Indiana não tinha feito xixi na cama nenhuma vez. Parecia estar me curando, mas meus demônios não tinham desaparecido. Eles estavam adormecidos. E quando voltaram foi com força total.



O terceiro ano do ensino fundamental foi um choque para mim. Não apenas porque tínhamos que aprender escrita cursiva enquanto eu ainda esta-

va me acostumando a ler em letras de fôrma, mas porque nossa professora, a Sra. D, não se parecia em nada com Irmã Katherine. Nossa turma continuava pequena, umas vinte crianças ao todo, divididas entre o terceiro e o quarto ano, mas ela não lidava tão bem com os alunos nem estava interessada em dedicar o tempo extra de que eu precisava.

Meus problemas começaram com a prova padronizada que fizemos na primeira ou segunda semana de aula. Minha nota foi horrível. Eu ainda estava muito atrás dos outros e tinha dificuldade para me lembrar das aulas de poucos dias antes, quanto mais dos anos anteriores. Irmã Katherine considerava esses problemas indícios de que deveria dedicar mais tempo ao seu pior aluno e me desafiava diariamente. Já a Sra. D logo procurou um jeito de tirar o corpo fora. Antes de completar o primeiro mês de aula, ela disse à minha mãe que eu deveria ir para outra escola. Uma escola para “alunos especiais”.

Toda criança sabe o que significa “especial”. Significa que você está prestes a ser estigmatizado pelo resto da vida. Significa que você não é normal. A simples ameaça bastou como gatilho, e eu desenvolvi uma gagueira praticamente da noite para o dia. O fluxo entre meu raciocínio e minha dicção ficou emperrado por causa do estresse e da ansiedade, e ficava pior do que nunca na escola.

Imagine ser o único aluno preto da turma, da escola inteira, e suportar a humilhação diária de ser também o mais burro. Era como se tudo que eu tentasse fazer ou dizer fosse errado, e a coisa ficou tão feia que, em vez de responder e travar feito um disco arranhado toda vez que a professora chamava meu nome, eu muitas vezes preferia ficar calado. O mais importante era limitar a exposição para preservar o pouco de reputação que me restava.

A Sra. D nem sequer tentava ter um pouco de empatia. Ela reagia direto com frustração, que externava gritando comigo, às vezes inclinada, com a mão no encosto da minha cadeira e o rosto a poucos centímetros do meu. Não fazia ideia da caixa de Pandora que estava arrombando. A escola já tinha sido um porto seguro, o único lugar onde eu sabia que não poderia ser ferido, mas em Indiana ela se metamorfoseou na minha câmara de tortura.

A Sra. D me queria fora da sua sala de aula, e a direção a apoiou até minha mãe lutar por mim. O diretor aceitou me manter matriculado con-

tanto que minha mãe concordasse em me levar a uma fonoaudióloga e me pôr em terapia de grupo com um psicólogo da região recomendado pela escola.

O consultório do psicólogo ficava ao lado de um hospital, que era mesmo o lugar ideal se você quisesse fazer uma criança duvidar de si mesma. Era como um filme ruim. O psicólogo arrumava sete cadeiras num semicírculo à sua volta, mas algumas crianças não queriam ou não conseguiam permanecer sentadas quietas. Tinha um menino de capacete que ficava batendo com a cabeça na parede. Outro se levantou quando o psicólogo estava no meio de uma frase, foi até um canto mais afastado da sala e fez xixi na lixeira. O menino sentado ao meu lado era a pessoa mais normal do grupo, e ele tinha colocado fogo na própria casa! Lembro-me de encarar o psicólogo nesse primeiro dia e pensar: *Não tem como isto aqui ser o meu lugar.*

Essa experiência fez minha ansiedade social ir às alturas. Minha gagueira fugiu ao controle. Meus cabelos começaram a cair e manchas brancas surgiram na minha pele escura. O médico me diagnosticou como um caso de TDAH e receitou Ritalina, mas meus problemas eram mais complicados que isso.

Eu estava sofrendo de estresse tóxico.

Já ficou provado que o tipo de abuso físico e emocional ao qual fui exposto tem toda uma gama de efeitos colaterais em crianças pequenas, pois nos primeiros anos nosso cérebro cresce e se desenvolve muito depressa. Se durante esses anos seu pai for um homem mau decidido a destruir todo mundo dentro de casa, o estresse dispara e, quando esses disparos acontecem com frequência suficiente, é possível unir os picos com uma linha. E ela vira sua nova linha de base. Isso deixa as crianças num permanente estado de “luta ou fuga”. Fugir ou lutar pode ser uma ótima ferramenta quando se está em perigo, porque prepara você para combater ou sair correndo para longe, só que não é possível viver assim o tempo todo.

Não sou o tipo de cara que tenta explicar tudo com dados científicos, mas fatos são fatos. Já li que, segundo alguns pediatras, o estresse tóxico causa mais danos às crianças do que a paralisia infantil ou a meningite. Eu sei por experiência própria que ele conduz a dificuldades de aprendizagem e ansiedade social, porque, segundo os médicos, limita o desenvolvimento

da linguagem e da memória, o que torna difícil até mesmo para o mais talentoso dos alunos lembrar o que já aprendeu.

Num contexto de longo prazo, crianças como eu enfrentam um risco aumentado de depressão clínica, doenças cardíacas, obesidade e câncer, sem falar em tabagismo, alcoolismo e abuso de drogas. Pessoas criadas em lares abusivos têm 53% mais chances de ser presas por delinquência juvenil. Suas chances de cometer um crime violento na idade adulta aumentam em 38%. Eu era a personificação daquela expressão genérica que todos nós já escutamos: “jovem em situação de risco”. Não era minha mãe quem estava criando um bandidinho. É só olhar os números e fica bem claro: se alguém me pôs no caminho da destruição, essa pessoa foi Trunnis Goggins.

Não fiquei muito tempo na terapia de grupo e tampouco tomei Ritalina. Minha mãe foi me buscar depois da minha segunda sessão, e eu me sentei no banco do carona com um olhar perdido.

– Eu não vou voltar aqui, mãe – falei. – Esses meninos são doidos.

Ela concordou.

Mas eu continuava sendo um menino problemático e, embora existam intervenções de valor comprovado em relação à melhor forma de ensinar e lidar com crianças que sofrem de estresse tóxico, é justo dizer que a Sra. D não sabia nada sobre isso. Não posso culpá-la pela própria ignorância. A ciência nos anos 1980 não era tão clara quanto hoje. Tudo que sei é que Irmã Katherine batalhou nas trincheiras com a mesma criança problemática com a qual a Sra. D teve que lidar, mas manteve as expectativas altas e não se deixou dominar pela própria frustração. A mentalidade dela era: *Olhe aqui, cada um aprende de um jeito, e nós vamos entender qual é o seu jeito de aprender*. Ela deduziu que eu precisava de repetição. Que precisava resolver os mesmos problemas várias e várias vezes de forma diferente para aprender, e sabia que isso levava tempo. Já a Sra. D só pensava em produtividade. Ela estava dizendo: *Ou você acompanha a turma, ou sai*. Enquanto isso, eu me sentia encurralado. Sabia que, se não demonstrasse algum progresso, acabaria despachado de uma vez por todas para o tal buraco negro *especial*, então arrumei uma solução.

Comecei a colar.

Estudar era difícil, principalmente com meu cérebro prejudicado, mas para colar eu tinha talento. Copiava o dever dos amigos e espiava o traba-

lho dos outros durante as provas. Cheguei a copiar as respostas em provas padronizadas que não tinham impacto algum nas minhas notas. Deu certo! Meu resultado nas provas aplacou a Sra. D e minha mãe parou de receber ligações da escola. Achei que tivesse resolvido o problema, quando na verdade estava criando outros ao escolher o caminho de menor resistência. Meu mecanismo de adaptação só fazia confirmar que eu jamais aprenderia porcaria nenhuma na escola e que jamais recuperaria meu atraso, o que me empurrou ainda mais para um destino de fracasso.

A única salvação desses primeiros anos em Brazil foi que eu era jovem demais para entender o tipo de preconceito que em breve teria que encarar na minha nova cidade caipira. Toda vez que *é o único* do seu tipo, você corre o risco de ser empurrado para as margens, de ser alvo de desconfiança e descaso, de sofrer bullying e maus-tratos nas mãos de gente ignorante. É simplesmente assim que a vida é, principalmente naquela época, e quando essa realidade cravou os dentes na minha jugular, minha vida já tinha se transformado num biscoito da sorte repetitivo. Sempre que eu o abria, o recado era o mesmo:

Você nasceu para fracassar!

DESAFIO Nº 1

Tive azar muito cedo na vida e demorei um tempo para transformar isso, mas todo mundo é desafiado pela vida em algum momento. Qual é a sua limitação? Com que tipo de problema você tem que lidar? Você apanha? Sofre abuso? Sofre bullying? Alguma vez sente insegurança? Talvez seu fator limitante seja ter tido uma criação com tanto apoio e tanto conforto que nunca se esforça para superar os próprios limites?

Quais são os fatores que atualmente limitam seu crescimento e seu sucesso? Alguém está no seu caminho no trabalho ou nos estudos? Sente que não valorizam ou rejeitam você quando as oportunidades surgem? Quais são as maiores dificuldades que você está enfrentando neste exato momento? Será que é você quem está atrapalhando o próprio caminho?

Comece a escrever o próprio diário – se não tiver, compre um ou escreva no seu laptop, no tablet ou no smartphone – e anote minuciosamente

todos os fatores limitantes que enfrenta hoje. Não se acanhe na hora de fazer esse exercício. Eu lhe mostrei toda a minha roupa suja. Se alguém machucou você ou se ainda estiver correndo perigo, conte a história completa. Dê forma à sua dor. Absorva o poder dela, porque você está prestes a virar essa dor do avesso.

Você vai usar a sua história, essa lista de desculpas, esses motivos muito bons pelos quais não deveria ser ninguém na vida para alimentar seu sucesso final. Não parece divertido, né? É, não vai ser mesmo. Mas não se preocupe com isso ainda. Chegaremos lá. Por enquanto, apenas faça a lista.

Quando tiver sua lista, compartilhe-a com quem quiser. Para algumas pessoas, isso pode significar entrar nas redes sociais, postar uma foto e escrever algumas linhas sobre como seu passado ou sua situação atual as estão desafiando até as profundezas da sua alma. Se esse for o seu caso, use as hashtags #badhand #canthurtme [limitações; Nada pode me ferir]. Se não, reconheça e aceite a lista de modo reservado. Faça o que funcionar melhor para você. Sei que é difícil, mas esse ato por si só já vai começar a empoderar você para superar seus desafios.

CONHEÇA O PRÓXIMO LIVRO DE DAVID GOGGINS

NUNCA É HORA DE PARAR

Este não é um livro de autoajuda. É um grito de alerta!

Nada pode me ferir mostrou o potencial inexplorado que todos nós temos, mas apresentou apenas uma introdução sobre o poder da mente. Em seu novo livro, *Nunca é hora de parar*, Goggins nos leva para o seu laboratório mental, no qual desenvolveu a filosofia, a psicologia e as estratégias que lhe mostraram que o que ele considerava serem seus limites eram apenas o começo e que a busca pela grandeza nunca termina.

As histórias neste sensível, revelador e forte livro de memórias oferecem ao leitor um mapa para sair do fundo do poço e chegar a uma nova estratosfera que antes parecia inalcançável. Se você sente que perdeu o rumo na vida, se busca maximizar seu potencial ou apenas quer usar todas as suas energias para superar barreiras impossíveis, este é o livro perfeito para você.

Leia o QR code para conferir um trecho do livro:



Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante, visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

